

APRENDER

INOVAR



DIVULGAR

COLABORAR

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender – 2024

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes
Aldina Lobo

Organização

Aldina Lobo
Ana Sérgio

Revisão de texto

António Dias
António Lopes

Apoio à coordenação

Cristina Brandão
Rita Vinhas

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros

Expedição

Ana Estribio

Autores

Vários

Os textos e respetivas imagens são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição ou orientação do CNE.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

Março de 2025

ISSN

2975-9951

ISSN Digital

2976-0569

Depósito legal

526051/23

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Hélder Castro, Teresa Martinho Marques, António Figueiredo, Conceição Malhó Gomes e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, ex-alunos, funcionários e encarregados de educação;

ao Agrupamento de Escolas da Bemposta e à Escola Profissional Profitecla – Braga, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação e coordenadores das estruturas de gestão intermédia;

ao designado "Júri de avaliação de propostas de textos para a publicação periódica DICA 2024 (segunda parte, Vivências)", composto por David Rodrigues, Jesus Maria Fernandes, Matilde Rocha e Aldina Lobo;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional das Artes (PNA), da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), do Plano Nacional de Leitura (PNL), da Associação Portuguesa de Educação em Ciências (APEduC), da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), da Associação Cantar Mais (ACM), da Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica (APEVT), do Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto (CNAPEF) e da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF).

A todos agradece-se o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o CNE, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à segunda publicação do projeto DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender - 2024.



PERCURSOS DICA

Folha de Sala

Aldina Lobo e Maria José Antunes

Equação e poema

Ana Sérgio e Fernanda Candeias

Síntese

Vozes e ecos de uma liderança

Adélia Lopes e Ana Sérgio

Assumir a diferença como norma

Aldina Lobo e Conceição Gonçalves

Síntese

Compasso singular na educação artística: o caso do Agrupamento de Escolas da Bemposta

Adélia Lopes e Fernanda Candeias

A terceira margem

Conceição Gonçalves e Maria José Antunes

Síntese

Síntese Percursos DICA

Projetar futuros, desenhar políticas

FOLHA DE SALA

ALDINA LOBO
MARIA JOSÉ ANTUNES

Folha de Sala é o desfile de telas vivas em que se perfila a visão e a prática pedagógica de um professor, no qual, em todas as escolas, muitos terão oportunidade de se rever. É o relato da história singular da vida de um artista que desejava ser professor e de um professor que fez da arte de pintar e de ensinar o seu destino. A sua biografia, entrecruzada com as percepções dos seus alunos, colegas e amigos, é o resultado de um emaranhado de pinceladas aparentemente soltas, libertas, displicentes e até erráticas, que no final se entrelaçam, construindo uma tela com sentido. É no fundo uma história de amor pela nobre tarefa de introduzir os que são novos num mundo que é velho e de, simultaneamente, os preparar para o horizonte de um futuro, naturalmente inexistente.

Fica a homenagem ao trabalho inextinguível de todos os professores que fazem do amor à humanidade o seu caminho.

Nos bastidores da vernissage

O dia entardeceu morno, com promessa de chuva. De entre as nuvens, a luz abraçava tudo o que conseguia alcançar. À medida que os passos se aproximavam da Escola Artística António Arroio, o som da cidade misturava-se com o bulício do recreio de gente grande.

À porta da escola, o professor Hélder Castro aguardava-nos, de olhar curioso e penetrante. Vista de fora, a escola assume a forma de um laboratório retangular, branco e acético, contrastante com os matizes de diferença dos alunos, que, sentados no chão, convivem num intervalo breve. Entrámos. Cremos que foi o sorriso quem abriu a porta. Um sorriso com muita luz. Os passos levaram-nos a uma sala contígua à direção. Sentamo-nos, expectantes. Quem seria este professor? O que o teria trazido até aqui? O que teria feito dele um professor inspirador? O que poderíamos dizer dele que levasse alguém a inspirar-se nas suas pisadas, numa profissão tão nobre e, amiúde, tão indesejada? Que marcas indelévels deixaria nos seus alunos? Que marcas indelévels os seus professores teriam deixado em si? Que conceção teria de educação e de pedagogia? Deixar-nos-ia caminhar pela sua história, como a ágora deixara outrora a maiêutica socrática percorrê-la? Munidas das nossas perguntas, lançamo-nos à aventura da descoberta, com a convicção de que o professor ensina aquilo que sabe e aquilo que é. Ora, sendo o exemplo um dos motores da aprendizagem, era forçoso conhecer a biografia deste professor.



Aava (Hélder Castro),
2024, s/ título,
pastel seco s/ papel.
Fotografia de
Hélder Castro

Personagens e contextos

Hélder Castro tem 47 anos. É professor na Escola Artística António Arroio há 15 anos. A sua aventura começou formalmente em Vimioso, onde, em 2008, foi professor de Educação Visual. Nas suas palavras foi uma “experiência extraordinária” pela relação de proximidade que unia a comunidade da raia transmontana. Dizemos *formalmente*, porque a sua história começou muito antes, em Negrelos, concelho de Santo Tirso, lugar onde nasceu. Começou muito antes dele o poder sequer adivinhar.

Localizada no Vale do Ave, Negrelos viu surgir em 1845 a primeira fábrica de fição do país. A fábrica veio revolucionar a vida no Vale do Ave, que até então orbitava em torno da atividade agrícola. Em finais do século XIX, a fábrica empregava já perto de 3 000 operários. Foi neste universo de ruralidade industrial que a infância e parte da juventude de Hélder se desenrolou. Tal como a maioria das famílias, a sua trabalhava na indústria têxtil. Hélder caracteriza-se como um filho da classe

trabalhadora com raízes na alta burguesia, muito empenhada politicamente. Da sua avó Angelina e dos seus avós maternos herdou o pragmatismo, a prática que emerge do saber, fazendo, a resiliência que advém da vida dura. Do bisavô paterno, formado com o curso Teológico-Jurídico, ficou-lhe o encanto pelos livros, a paixão pela música e o amor pela arte e pelo desenho. “O pai nunca teve carro”, afirma, “mas lá em casa os livros e os discos de música clássica eram presença assídua” (E1).

Na fotografia a preto e branco que o *close-up* do filme “Vidros Partidos”, de Vítor Eríce, coloca em primeiro plano, Hélder relembra o olhar depauperado dos operários descalços de Negrelos, o semblante triste das mulheres que amamentavam ao mesmo tempo que fiavam, a falta de equidade que assolava a cadência fabril. Nesses rostos revisita os seus, reencontra a sua história e por isso comove-se. O cinema para Eríce não é um arremedo da vida, é a vida e a vida não deixa Hélder indiferente.

Isto é extremamente comovente para mim, não é? Porque vêes o olhar das pessoas que andavam descalças... E eram muitas. Havia alguns problemas laborais, como toda a gente sabe, a questão da equidade, por exemplo, salarial. (...) Este foi o meu contexto de crescimento. Não foi fácil. (E1)

Aos 15 anos matriculou-se em Arte e Design na Escola Secundária D. Dinis, no Vale do Ave, mas nunca chegou a frequentar o curso. Inscreveu-se numa escola profissional, no Curso Técnico de Secretariado, financiado por fundos europeus. A leveza de algibeira ditou a opção que lhe proporcionava autossuficiência e liberdade. Mas não lhe preenchia a alma. Descreve o secundário como uma experiência traumatizante. Sentia-se frustrado e desengadado. Faltava frequentemente. Descobriu que a arte era o seu caminho e permanecer na escola não parecia fazer sentido. Pensou desistir, ingressar na Escola Artística Soares dos Reis, mas não desistiu graças à professora de Português, então diretora pedagógica, que o compreendia na irreverência evidenciada pela *t-shirt* preta carim-

um bom professor é alguém com muito mundo, com uma cultura geral grande

bada com as próprias mãos, pintadas de azul, e pelas frases baudelairianas e nietzschianas que salpicavam a mochila.

A professora aconselhou-o a terminar o curso, perdoou-lhe as faltas em troca de um pedido de desculpas formal. Hélder aprendeu que o perdão exige a assunção de responsabilidade, o respeito pela palavra dada. Aprendeu o valor do compromisso que partilha com os seus alunos: “Bom, ela de facto safou-me. Perdoou-me as faltas, com um compromisso, semelhante ao que agora estive a fazer com as minhas alunas: ‘você, por favor, não entrem nesse estado nas aulas.’ Mas tem de haver este compromisso” (E1).

Com este episódio passou a acreditar que um bom professor é, em primeiro lugar, alguém com muito mundo, com uma cultura geral grande – é preciso conhecer aquilo que se ensina. A riqueza das práticas pedagógicas é impossível quando desligada da riqueza dos saberes. Percebeu ainda que o professor de excelência alia pedagogia, saber e inteligência emocional, no quadro de preocupações profissionais e éticas que o tornam inesquecível. “Ela era uma pessoa maravilhosa. Nunca nos esquecemos um do outro. Era uma pessoa pedagógica, moralmente superior, bastante rica do ponto de vista intelectual e de uma inteligência emocional fora do comum” (E1).

A sua professora ensinou-o que compreender é prender-se ao outro, abrir-se à alteridade. Compreender é ser capaz de compaixão, de perdão. “Calçar os sapatos do outro” e visitar o próprio passado são condições *sine qua non* para compreender o presente do aluno. A sua professora ensinou-lhe a arte de escutar, num mundo que, já então, só queria aprender a falar, sem ouvir nem se ouvir.

Ontem vi uma cena de violência... ainda estou um pouco abalado! Foi muito emocional, para mim, foi muito intenso o que aconteceu ali fora. E eu lembro-me como é que eu era nesta idade e disse-lhes: “Olha, o mais importante são vocês. Aquilo que às vezes pensamos que nos separa... às vezes é porque não estamos a entender onde nos encontramos, por que razão é que somos amigos”. (E1)

A experiência traumatizante do ensino secundário, que reconta com tristeza no olhar, contrasta com a descrição da relação com os colegas, pautada pela amizade, pela partilha e pelo companheirismo. Nos anos 90, Santo Tirso era um local de confluência de alunos de diferentes zonas do país, de diferentes escolas, propício a picardias políticas, filosóficas, existenciais, poéticas e artísticas. As discussões eram animadas em torno de Kafka, Stanley, Baudelaire, Nietzsche e muitos outros. No tasco filosófico ia-se burilando o hábito da reflexão partilhada, do sentido de comunidade, que marcou a sua vida como professor e artista. Para Helder, a escola foi sempre um lugar de limites maleáveis.

Os debates fervilhantes em que se envolvia, contrastantes com o rigor dos cálculos, das diretivas e das normas do curso de secretariado, davam chão ao idealismo e ao sonho que o percorriam. A relação entre a irreverência e o rigor ia formando o artista e o professor, muito antes de ser, quer uma coisa quer a outra.

Terminou o ensino secundário e quase de imediato foi chamado para a tropa – na sua perspetiva, aprofundou o respeito pelo cumprimento de regras e pela disciplina, bem como o sentimento de pertença e a valorização do esforço do outro. Helder habituou-se a ver oportunidades de aprendizagem no âmago das contrariedades.

Acabo a tropa. Em julho saio. Seis meses de tropa, para mim, foi uma espécie de transição, mais uma vez, meio patafísico, meio *nonsense*. O que é que eu estou aqui a fazer? Mas tive de ir e fui. Mas foi uma grande aprendizagem, que foi [passar] de um cenário muito caótico, entrando numa ordem muito... bastante rígida. O acordar, as botas, a barba. (...) A tropa deu-me o respeito pelos outros, pelo esforço dos outros. Foi uma coisa de que não me esqueci, que me marcou... o esforço dos outros. (E1)

Conforto versus felicidade

Seguiu-se um período de trabalho temporário à noite, em bares, para ganhar dinheiro. Mas o desejo de continuar a estudar, preparando-se para as provas específicas, levou-o em busca de um trabalho mais estável. Trocou a indumentária irreverente pelo fato e gravata e acabou por trabalhar durante sete anos, no departamento comercial de uma empresa de fabrico de embalagens técnicas, hoje líder do mercado. Tornou-se responsável comercial por toda a região Norte, a partir de 1997. Na altura, a empresa estava a afirmar-se e Helder entregou-se ao projeto com toda a alma, ainda que o desejo de ser artista plástico não deixasse de o interpelar. Não desistiu! Em tudo vai “até ao casco” e esforçou-se para que a empresa tivesse sucesso.

Não desistiu! Em tudo vai “até ao casco”

Eu crio muita adição aos projetos e aos trabalhos de que gosto. Eu dou-me mesmo, vou muito a fundo. Estou exausto porque me entrego, com toda a alma, à escola, aos alunos, à minha profissão, a todos os projetos em que me envolvo. (E1)

Foram anos de conforto financeiro, de viagens a Paris, Barcelona, Madrid... A autonomia financeira garantiu-lhe visitas a museus, feiras de arte, prazeres proporcionados a poucos, sobretudo se provenientes de um meio social desfavorecido. Mas a arte não lhe saía nem do pensamento nem do coração. “É uma coisa muito estranha porque eu só queria ser artista. Lia Baudelaire, lia Nietzsche, apreciava Van Gogh, desenhava, pintava, era um neorromântico, decadente; aquela paixão pelo génio, daquelas coisas que a gente lê que nos influenciam” (E1).

Sente-se num dilema. Por um lado, a ideia baudelairiana de que o comércio é por natureza satânico e, por outro, a vida de conforto que o trabalho na empresa lhe proporcionava, os laços que havia cimentado e o incomensurável sonho de ser artista absorvem-lhe os dias. O encontro com Luís, um antigo professor, encaminha-o em direção à arte. Luís conta-lhe a sua história: atreveu-se a desafiar a morte para cumprir a vocação que lhe ia no peito. Helder abandonou a empresa de

um dia para o outro e iniciou uma enorme travessia do deserto, de bolsos vazios e alma cheia. Sentia-se como a barata de Kafka. “Ninguém deixa uma empresa para, de repente, atravessar o deserto. Senti-me mesmo o Gregor Samsa” (E1).

Eu não tinha esta lucidez que tenho agora. Estou a fazer uma retroação. Para mim, isto era tudo esquisito. Só não era esquisito o meu desejo de estudar pintura, fazer o curso, ser licenciado e dar aulas... que foi sempre o meu sonho desde a adolescência. (E1)

Restauro e curadoria

Inicia-se, assim, a sua primeira metamorfose. Inscreveu-se na Escola Superior Artística do Porto, a única com cursos noturnos, e iniciou, paralelamente, o Curso Tecnológico de Conservação e Restauro. O curso era subsidiado, o que lhe permitia custear a licenciatura em pintura. Durante este período dedicou-se também à curadoria. Numa lógica de *win-win*, convenceu o dono de um café a emprestar paredes. Começou a convidar artistas emergentes. Criou espaços independentes,

alternativos, para dar visibilidade às obras de jovens artistas. O artista passou a gerir o seu próprio trabalho com profissionalismo, rigor e dedicação. Ser alternativo não é ser amador. Há que respeitar o compromisso com o público, com a inauguração. Deve atender-se aos elementos teóricos, à folha

"Estou exausto porque me entrego, com toda a alma, à escola, aos alunos, à minha profissão, a todos os projetos em que me envolvo" (E1)

de sala, à apresentação dos artistas, aos convites, à abertura, a todos os elementos que envolvem uma inauguração, à apresentação de uma obra. É uma experiência de *do it yourself*: “Se não há museus, galerias para toda a gente, o artista tem de fazer acontecer” (E1), sublinha. Hélder aprendeu com Sancho Pança a pôr as pedras na calçada e por isso é capaz de construir o seu próprio caminho, onde apenas D. Quixote o imaginaria. É um misto de ambos, a síntese de um idealismo que vê sonhos e de um realismo que constrói caminhos. E “ele faz muito bem esse equilíbrio entre reflexão e concretização” (EEx-diretor).

Concluído o curso de restauro, dedicou-se quase exclusivamente ao estudo, no último ano da licenciatura. Aprendeu a estudar. Tinha agora a possibilidade de ler um documento até ao fim, entrar nele, apreender a sua estrutura, reescrevê-lo pela própria pena. Hoje partilha esta experiência com os alunos:

a ideia de pegar num documento e lê-lo do princípio ao fim, de saber tirar o que interessa, qual é o tema, quais são as ideias principais... É maravilhoso! É fantástico! Ainda hoje tenho os meus apontamentos todos. E digo isso aos alunos, é muito importante. “Não basta passar os olhos pelo telemóvel, esqueçam. O processo é ler e tomarem as vossas notas. É assim que o cérebro funciona. É assim que o cérebro deseja reter”. (E1)

A travessia do deserto culminou com um momento dramático – Hélder quer abraçar a profissão de professor – porque a sua missão era dar aulas. Mas as vagas escasseavam. Durante um ano, o estatuto de *barata kafkiana* permitiu-lhe adaptar-se a tudo. Procurou, acolheu as oportunidades.

Esta coisa da adaptação, de seres capaz de te adaptar, não é fácil. Há gente que tem capacidades, outros não têm, é verdade. Na verdade, é a adaptabilidade, a flexibilidade e a resiliência que nos distinguem, talvez mais que o talento. (...) O que eu digo também, aos alunos, é para serem abertos: “Não se fechem numa ideia de que vocês são isto e acabou ou que nunca vão ser aquilo. Isso não existe! Existe a vida e a forma como tu a encaras. Há fatores externos que são coisas que tu não controlas, mas há uma coisa que tu controlas: tu controlas o teu caráter, as tuas decisões. Tu não controlas a vida, os fatores externos, que não dependem de ti. Infelizmente ou felizmente, a vida é assim. Mas podes expressar-te de muitas formas, em várias formas, que hoje não acharias possível”. (E1)

Hélder partilha com os seus alunos a importância de saber lidar com o imprevisto, assumindo simultaneamente a responsabilidade da escolha. Perpassa aqui uma visão antropológica que concebe o ser humano como um feixe de possibilidades infinitas, aberto ao mundo e aos outros, que se constrói pelo exercício da sua liberdade. A natureza humana é da ordem do poder ser, é responsabilidade de todos e de cada um de nós. Somos artífices do nosso destino individual e global. Os alunos reconhecem, valorizam e anseiam por esta forma de relacionamento como adultos.

A estreia

Curta-metragem

A travessia do deserto terminou com a colocação em Vimioso. Aos 32 anos, Hélder tornou-se oficialmente professor. Começou aqui a expor-se enquanto docente. Na sua vida “tudo parece acontecer mais tarde, sem pressas” (E3), afirma. Encara Vimioso como o início de um processo, após um esforço de *nonsense* – “Há desejos que demoram muito a concretizar, é preciso saber esperar, interpretar os sinais que a vida vai dando” (E1), segreda num tom firme e intimista.

Vimioso é um primeiro momento de síntese da dialética hegeliana. Em Vimioso encontrou, mais uma vez, o *bodegón filosófico e carnal*, o local onde os limites impostos pelo estatuto social esmorecem e as amizades autênticas nascem. Do *bodegón* está distante a amizade corporativista do útil. É um local de troca, de partilha. O caldo cultural vai-se apurando, sem deixar ninguém ficar para trás: o dono da fábrica, o padre, o trolha, o professor, o polícia. É este caldo que Hélder aprecia, sempre avesso ao fechamento do discurso cultural, ao ensimesmamento teórico solitário, ao nepotismo do interesse. Encontrou ali o sentido de comunidade, a ética do cuidado: “é preciso saber cuidar dos outros” (E1). E ele cuida dos outros. Ainda hoje “pode estar a passar por uma dificuldade, mas continua disponível. Mesmo nos maus momentos, a escola está sempre à frente de tudo” (EP1); “tem sempre tempo para ouvir o outro, de forma generosa” (EEx-diretor). O professor Hélder aproxima-se da síntese entre a ética do saber e a ética do cuidado; entre a moral e a ética. É um sonhador num barco à bolina.

Em 2009 concorreu para um horário de oferta de escola. A disciplina a lecionar era Gestão das Artes na Escola Artística António Arroio. Hélder preenchia todos os requisitos. Neles parecia estar sintetizada toda a sua vida: o ensino profissional, o serviço militar, o trabalho na fábrica, o curso de pintura, o restauro, a curadoria. É como se, finalmente, tivesse encaixado o *puzzle* da sua existência. É como se, finalmente, o caminho se visse revestido de sentido.

A Escola Artística António Arroio selecionou-o para uma entrevista. Com pouco mais de 100 euros, meteu-se a caminho de Lisboa. No mesmo dia, já de regresso ao Porto, recebeu a notícia de que lhe havia sido atribuído o horário. Minutos depois descobriu que tinha também ficado colocado nos Açores e que a sua candidatura a mestrado na Universidade de Évora havia sido considerada. Hélder optou por Lisboa e, desde então, leciona a disciplina de Gestão das Artes – “quase uma explosão de todos os não significados no mesmo dia” (E1), desabafa.

O professor Hélder é um sonhador num barco à bolina

Longa-metragem

Chegou a Lisboa com a incumbência da Gestão das Artes, uma disciplina opcional, lecionada nos dois últimos anos do ensino secundário.

Gestão das Artes é uma disciplina diferente, não há dúvida! Mais fácil? Mais difícil? Pouco importa! É a SUA disciplina! Rejeitada pelos professores que o antecederam na António Arroio, Hélder agarrou-a como se de uma companheira se tratasse. Leu

as orientações centrais, interpretou-as e deu-lhes vida. De tal modo que cerca de dez anos depois estava formalmente a questioná-la numa dissertação de mestrado¹. Na sua opinião, trata-se de uma disciplina fundamental para o ensino artístico especializado, do mesmo modo que o seria nos cursos científico-humanísticos ou no ensino superior das artes. Para si, e para o diretor da escola com quem mais trabalhou, a Gestão das Artes “veicula a interdisciplinaridade, os protocolos e as parcerias institucionais, contribuindo para a aquisição de competências transversais, colocando o aluno e o trabalho em equipa no centro da ação pedagógica” (Castro, 2017, p.84).

A paixão e a resiliência de Hélder operam uma metamorfose que envolve tudo o que o rodeia. É uma transmutação que se faz com os outros, que abraça contextos e parcerias. Tal como ele próprio, a disciplina que leciona transforma os alunos na borboleta que tem asas e voa, tornando-os visíveis a si próprios e ao mundo.

A Gestão das Artes é uma das quatro opcionais mais concorridas, para onde a grande maioria dos alunos pretende ir. (...) É uma disciplina âncora para a escola e para os cursos. O mérito deve-se aos professores que tem. Hélder Castro é um dos quatro professores da disciplina e o que está na sua génese. (EEx-diretor)

Escreveu o próprio professor que

é importante dar visibilidade aos trabalhos dos alunos, revelando competências adquiridas ao longo de três anos, realizando a sua criatividade e inteligência, as suas paixões; é importante dar visibilidade à instituição escola, muitas vezes ignorada. É também importante receber a comunidade no seio da escola, publicitando o trabalho produzido, através, por exemplo, de exposições. (...) A disciplina contribui para um perfil de aluno mais autónomo e conhecedor dos desafios do mundo em geral, o mundo das artes em particular, da transformação da cultura, tendo presente valores humanistas que permitam uma visão ampla e crítica sobre o rumo que a nossa sociedade tem adotado. Esta disciplina opera no espaço individual e coletivo dos alunos, contribui para o espírito colaborativo, de alteridade e respeito pelo esforço de cada um. (Castro, 2017, p.84)

Está, então, na sua génese o esboroar dos muros erguidos entre os grandes espaços enquanto modo de permitir uma visibilidade biunívoca: a que parte do interior em convergência com o mundo real e a que se move do exterior rumo a uma comunhão com a escola, cada vez mais desejada. A direção apadrinha o desiderato. Os professores agradecem. Hélder toma a dianteira. As parcerias multiplicam-se: com artistas, com a Culturgest, a Biblioteca Camões, a Sociedade Nacional de Belas Artes, a Escola Artística Soares dos Reis, a Fundação Milénio BCP, o Plano Nacional das Artes, institutos politécnicos, câmaras municipais, museus... Todas as relações com o exterior passam por este entusiasta que, enquanto assessor da direção, se encarrega de as explorar, uma vez mais, numa lógica de *win-win* – “Como podemos ganhar todos com este projeto? O museu ganha porque cumpre a sua missão, (...) cria públicos, novos públicos. Nós cumprimos a nossa missão porque as aprendizagens são consumadas de forma interdisciplinar, afetando recursos, sem os desperdiçar” (E2).

É ele que escolhe espaços, distribui projetos, encontra o curso ideal para a ideia surgida, o aluno que fará parte do júri cinematográfico, o colega que bem gostaria de integrar aquele projeto. Conhece muito bem os vários cursos da escola e as valências das diferentes disciplinas. Com todos desenvolve atividades. No curso de cinema, por exemplo, parte-se de um projeto que os alunos desenvolvem na disciplina de Projeto e Tecnologias e na Formação em Contexto de Trabalho; na Gestão das Artes dá-se-lhe visibilidade. Monta a exposição. Diz a professora diretora do Curso de Comunicação Audiovisual que Hélder “está sempre disponível para facilitar a colaboração” (EP1).

¹ Castro, H. (2017). *Gestão das Artes - Renovação do programa aplicado no ensino artístico especializado*, [Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL]. Repositório do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15468>.

E neste protagonismo que assume, fora e dentro da escola, faz transparecer outra característica que todos os entrevistados espontaneamente declararam: a humildade, a simplicidade, a facilidade que incute nas relações e nos projetos em que se envolve. Hélder surge aos olhos de colegas como “um impulsionador, alguém que tem uma aura” (EP1). Talvez por não fechar a porta a desafios, por não se importar de ficar para além da hora, de trabalhar bem no gabinete e fora dele. A sua mundividência ajuda-o, constata o ex-diretor.

A simplicidade e o respeito são, para os seus alunos, traços distintivos das aulas do professor Hélder. Sem nunca falar de forma redutora e sem desrespeitar os seus interlocutores, o professor consegue tornar simples o complexo, esclarecer dúvidas em palavras fáceis, tornar o difícil em património comum: “mesmo quando está a dar matéria, a aula assemelha-se a uma conversa descontraída, com piadas muito engraçadas” (EA1). Distingue-se dos demais docentes, seja de que disciplina for. Trata-se de uma intencionalidade que, naturalmente, atingiu uma maturidade fluida.

Considerando que a sua “vida é uma rede de coincidências complexas” (E1), baseada numa precoce autonomia e independência financeira, Hélder esforça-se por integrar os alunos no mundo real das artes, inculcando-lhes a noção de responsabilidade e abrindo-os ao mundo. A Gestão das Artes propicia esta abertura ao propor um percurso que parte dos princípios e fundamentos teóricos para a produção, organização e apresentação de um projeto que faz as delícias dos artistas em flor. O projeto para a Mostra de Artes é, por assim dizer, o culminar do sentido, o fundamento do esforço, da dedicação, o resultado das intencionalidades do aluno e do professor.

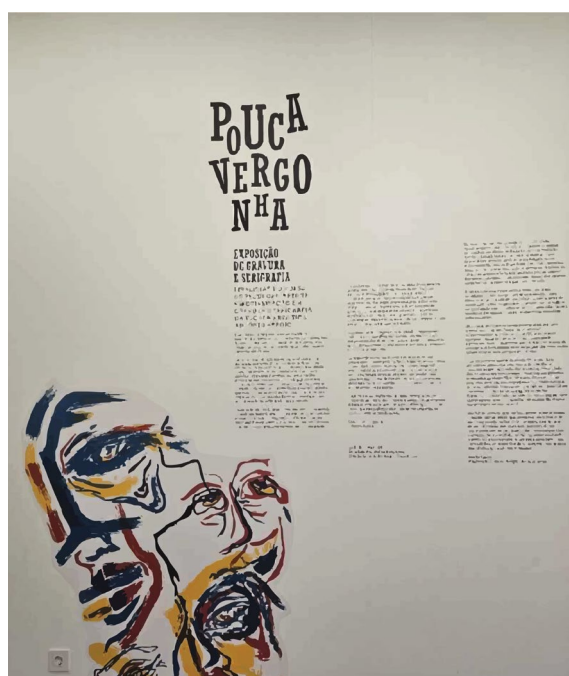
O ensino não pode ficar-se pelo método expositivo. Se o professor admite que ele pode existir, “a metodologia baseada na resolução de problemas, em trabalho colaborativo, funciona bastante melhor” (E2), salienta. Esta metodologia permite retirar o aluno da zona de conforto, fazendo-o assumir a responsabilidade que tanto defende. O artista é, quase por natureza, um trabalhador precário; é na escola que ele terá de se confrontar com o mundo real “das coisas, dos impostos”, por exemplo. Perante dificuldades, os alunos devem refletir e acreditar em si “próprios e nos seus pares e na iniciativa individual e/ou coletiva e, por isso, o que me guiava e continua a guiar é o lema: isto só faz sentido se todos sairmos felizes daqui, da escola” (Castro, 2017, p.84). Só assim

ficam mais preparados para a realidade exterior à escola, mais autónomos no sentido constructo da sua liberdade (...) A natureza de uma escola como a nossa, com a sua inigualável história, obriga a um esforço perspicaz para irmos mais além da sala de aula/oficina e, com o apoio de outras instituições e organizações, devolvermos ao público em geral aquilo que de melhor se faz (e o nosso saber faz-se), resultante das aprendizagens e competências adquiridas pelos discentes. (HC, *in* texto pela direção da EAAA, a propósito da exposição dos alunos “Pouca Vergonha”, na Sociedade Nacional de Belas Artes, de 17 de abril a 18 de maio de 2024)

Do seu cardápio de prioridades emerge, com naturalidade, a introdução do percurso iniciático dos futuros artistas no mundo real, dando-lhes a conhecer o mundo como ele é. Não só abre a sala de aula ao mundo exterior, como mostra formas de os artistas colaborarem para serem independentes nas suas práticas: como podem conseguir

a sua “vida é uma rede de coincidências complexas” (E1)

Apresentação da exposição de gravura e serigrafia “Pouca Vergonha”
Fotografia de Aldina Lobo



financiamento, que obstáculos podem surgir e como os superar. Mesmo que se trate de questões aparentemente longínquas, mais tarde são reconhecidas como muito válidas. Porque não basta ser artista!

Passados estes anos todos, quando me encontro com ex-colegas dizemos: “foi o professor Hélder que nos ensinou a fazer uma candidatura, foi ele que me levou ao Porto pela primeira vez...” Ele é um professor bem recordado. Ficou na memória de bastantes alunos, pela diferença. Com ele houve muitas primeiras vezes. (EEx-aluna)

A visão idealista e poética que o percorre entrelaça-se permanentemente com a realidade pura e dura, que se esforça por partilhar com os seus alunos: “Eu digo-lhes, muitas vezes: ‘Aquelas pinturas do Renascimento eram grandes, mas o artista não pintou aquilo que lhe apeteceu. Foi um tipo que lhe pagou – Faça-me isto que eu pago!’ Foi uma encomenda” (E1).

"Um professor que sabe do que fala, porque o sente na própria pele, só pode ser um professor especial." (EA1)

A minha disciplina serve para fazer a gestão desse produto artístico e tudo o que tem a ver com a produção, a logística, a montagem da exposição, a comunicação. Abarca todo o processo

de produção. A minha disciplina, no fundo, é a disciplina que pode emancipar o artista, dando-lhe ferramentas, conhecimentos que lhe permitam gerir o seu trabalho, num banho de realidade. (E3)

Para os alunos esta ligação ao real é uma das razões pelas quais as aulas do professor Hélder são cativantes:

ele torna a matéria real. Conseguimos visualizar o que podemos aplicar na realidade. Ele é um artista, já experienciou as dificuldades. Este é um dos fatores que torna as suas aulas especiais. Ele sabe do que fala. Um professor que sabe do que fala, porque o sente na própria pele, só pode ser um professor especial. (EA1)

Os alunos conseguem mais facilmente perceber-se no mundo que os rodeia, os conteúdos surgem com nexos, com aplicação e os exemplos são profissionais. O contacto com o exterior alarga-lhes horizontes. Vão conhecendo a realidade, aprendendo e fazendo. Como funcionam as galerias? Como funcionam os museus? Como entram no sistema?... Não ver. Convidam artistas. Leem. Procuram informação. Por isso, as relações institucionais que se estabelecem são muito importantes. Os artistas já conceituados falam das suas experiências profissionais, do contexto do seu trabalho, o que abre perspetivas, fazendo pensar que a matéria lecionada é extravasada.

Havia dinâmicas para nos tentar expor a outro tipo de ambientes, que nos enriqueciam (...) O professor mostrava-nos que o mundo não era um conto de fadas, não é cor-de-rosa e, numa visão direta e realista, dizia-nos: “Preparem-se!” (EEx-aluno)

Esta abertura ao mundo consubstancia-se internamente na interdisciplinaridade que faz dos projetos uma metodologia de excelência e da escola uma casa comum, uma catedral onde o saber se faz. A nível externo, este abraço entre a escola e o mundo concretiza-se na ligação quase umbilical com museus, galerias, instituições de ensino, festivais. A escola tem limites fluidos. Hélder acredita nas escolas que são asas, que se atrevem a voar para fora dos seus muros e a trazer o mundo para dentro de si, oxigenando-o e oxigenando-se de criatividade e talento. Esforça-se para que os alunos não saiam da escola com um olhar inocente, como se estivessem a ver o mundo pela primeira vez. As palavras dos seus alunos corroboram esta perspetiva:

o professor Hélder ampliou os nossos horizontes, deu-nos mundo. Levou-nos à Soares dos Reis e deixou-nos explorar a escola e a cidade, sem regras rígidas,

sem desconfianças. Empurrou-nos para o desafio de uma exposição em lugares apenas destinados a artistas consagrados. Ao valorizar os nossos trabalhos, valorizou-nos e obrigou-nos a dar o nosso melhor. Não podíamos desiludir quem depositava tantas esperanças no nosso talento e quem se arriscava assim por nós. (EA2)

Nas asas de uma pedagogia reflexiva

Munido das suas convicções, Hélder prepara o terreno, tenta conquistar todos os alunos para a aprendizagem. Fala da vida, da cultura, dos *hobbies*: música, cinema, literatura, exposições... Como diagnóstico, pede-lhes que identifiquem os seus gostos, que reflitam sobre o que fazem, que partilhem os seus interesses. Pretende saber o que consomem culturalmente.

Colocar o aluno no palco, orientando as luzes na sua direção, exige apreender as semelhanças e diferenças que transporta, o que sente, o que viu, o que procura, do que necessita, o que sabe e ignora. Esta abertura à alteridade exige expor-se, estabelecer pontes, ousar proximidades, atrever-se à partilha. É um exercício de autenticidade.

O professor Hélder quer saber realmente como nós estamos. O que sentimos, do que gostamos. Há professores que fazem os mínimos: dão aulas, passam o PPT, vão-se embora. Ele faz mais que isso: partilha conhecimentos, sentimentos e vivências. Ele quer genuinamente levar-nos a aprender. É muito prático, culto. É uma pessoa muito interessante (...) Nota-se que sabe do que está a falar e que gosta do que faz e que, sobretudo, gosta de nós. Quer que sejamos felizes. (EA6)

As aulas assistidas são testemunho desta atitude, explicitada em entrevista:

se vocês tiverem um problema, se se sentirem tristes, se não se sentirem integrados... falem. Acham que estou a falar rápido demais? Digam-me. Não estão a perceber a matéria? Chamem-me à atenção. Acham que o teste é uma chatice? É? Digam-me. Olhemos em conjunto para outras formas, outros modelos de avaliação. Vamos lá! Se não estão preparados para apresentarem o trabalho, não tenham vergonha de o dizer. Escolheram este artista e não outro? Partilhem. Digam-me porquê. Eu estou aqui para vocês, por vocês, antes de mais, para vos ouvir. (E2)

O relacionamento com os seus alunos pauta-se pelo respeito, que nasce do conhecimento das condições concretas do seu contexto. O respeito pelo aluno enquanto detentor de um saber, de um universo, que deve ser valorizado e conhecido, manifesta-se na preocupação em usar uma linguagem num registo de continuidade e de rutura: aproxima-se do quotidiano linguístico do aluno, mas não permanece nos seus limites, extravasa-os, enriquece-os. Conhecer o acervo de aprendizagens significativas que o aluno transporta é essencial no encurtar da distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Hélder esforça-se por acarinhar o universo cultural de cada um dos seus alunos, incorporando-o no espaço de aula, dando-lhe voz e estimulando a construção partilhada do saber. Este universo é o ponto de partida do debate, da problematização, da desconstrução de preconceitos, que dá lugar a uma visão crítica da realidade.

A linguagem do professor aproxima-se da forma como falamos entre nós, mas sem falar de uma forma redutora. Entra no nosso mundo, mas não fica nele, leva-nos também para o seu. Não sei se me estou a fazer entender. O professor respeita-nos, não fala como se não o entendêssemos. (EA5)

Partindo das orientações gerais do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Hélder adapta o programa ao perfil da turma, às características individuais dos alunos, embora reconheça dificuldades em atingir completamente este objetivo. Os alunos estão no centro do seu ensino, já que é a partir dessa relação interativa que identifica temas a abordar, que estabelece

parcerias internas, que encontra parceiros externos, trabalhos, exposições, artistas, curiosidades que prendem os adolescentes – “um dos aspetos que o diferenciam é que o trabalho dele é completamente virado para os alunos. E eles sabem-no” (EP2). O próprio professor diz-lhes várias vezes que não quer *meter-lhes ideias na cabeça*: “eu venho para aqui para vos pôr ideias em cima da mesa. E para vocês porem as vossas e partilharmos” (E1).

À pergunta: se esta escola fosse uma tela, quais seriam as suas pinceladas? Responde:

é o foco no aluno. Essa é a primeira pincelada, claramente. Sempre focados no aluno. Sempre. Tal significa que tem de ser em prol deles. Não pode ser em prol da minha carreira, nem em prol da instituição. Eles estão no centro da tela. O importante é que eles acreditem no ensino e no professor. (E3)

Um professor socrático

Ao fazer do aluno o centro das aprendizagens, Hélder chama a si o papel de mentor, orientador de processos, gestor de aprendizagens. Hélder não se arroga único detentor do saber. O seu papel é o de moscardo socrático, que incentiva curiosidades, suscita dúvidas, interpõe recuo face à imediatez do vivido, cria condições para que cada um se aproprie do saber de forma progressivamente autónoma e crítica. “Ensinar não é só uma profissão, é uma missão” (E1), afirma.

Hélder considera-se “apenas um veículo de aprendizagem” (E2). O saber não é autoritariamente imposto. Ensinar não é uma prática mecanicista, assente numa conceção rotineira de educação. A aula é o lugar da razoabilidade argumentativa, em que cada um constrói o seu saber de acordo com os princípios da ética comunicacional, que dita o amor à verdade, o respeito pelos argumentos do interlocutor, a coragem de se expor ao escrutínio de terceiros, o respeito pela alteridade. A aula é o local da construção e descoberta de saberes, onde todos têm voz, independentemente do seu circunstancialismo.

Aprender assenta num ato autónomo que pressupõe responsabilidade. A começar pelo trabalho em aula. Não há memória de admoestações, apenas de avisos tranquilos sobre a importância do assunto, no futuro, quando as consequências chegarem. A responsabilidade é de cada um.

Com a responsabilidade pretende emancipar o aluno/artista/gestor, porquanto pretende dar-lhe conhecimentos e ferramentas que lhe permitam fazer a gestão do seu trabalho, tornando-o consciente de que no mundo tudo se relaciona: “o universo não está compartimentado em caixinhas”. (E1) A arte, como qualquer área do saber, tem uma linguagem específica, que permite aceder profissionalmente às organizações culturais, aos museus. Todo o profissional tem de dominar a linguagem do seu *métier*.

O aluno que quer ser artista, deve saber gerir o seu trabalho. Eu chamo-lhe o aluno/artista/gestor, ou seja, o gestor do seu trabalho. Na minha disciplina aprende a gerir o seu trabalho, ou até a saber trabalhar em organizações culturais, porque já compreende o léxico, a linguagem específica do trabalho dentro de um museu. O aluno/artista trabalha em rede, numa parceria em que todos são vencedores e que culmina na apresentação do trabalho ao público, como aconteceu no Museu de Lanifícios, da Universidade da Beira Interior, na Covilhã. (E2)

A escolha do local das exposições não é aleatória, “é preciso fazer as exposições em locais dignos. Se pretendemos valorizar o trabalho do aluno, não pode ser num vão de escada” (E1).

Hélder sabe que a autonomia e a responsabilidade são uma conquista que exige confiança na capacidade do aluno. Por vezes é preciso “forçá-lo a pisar o palco, sem desrespeitar a sua personalidade e os seus tempos” (E3), afirma. Os alunos reconhecem:

fui convidada para fazer parte do júri do festival de cinema – o Júri IndieLisboa. Essa experiência foi muito importante para mim, porque me tornou mais responsável e fortaleceu o meu interesse pelo meio. Foi enriquecedor. É um exemplo de como o professor proporciona aos alunos experiências que abrem os seus horizontes. (EEx-aluna)

A partilha de decisões e a interação participada são o seu *modus operandi*. Metodologicamente, Hélder aposta na interação em sala de aula, na proatividade, na pesquisa autónoma de saber, na partilha de recursos e de conteúdos, na autoavaliação, naquilo que designa por *conversa aberta*. Diversifica recursos didáticos. Sempre que considera adequado fala de métodos de pesquisa, de observação participante, não participante. Deseja que os jovens não fiquem reféns de bibliografias e da *webgrafias*. Os jovens devem tornar-se observadores e *fazedores do mundo*.

À aparente e propositada descontração com que leciona, em que o simples e o complexo harmoniosamente se entrelaçam, subjaz uma das suas grandes preocupações: a equidade. Ciente de que nem todos os alunos dispõem do mesmo acesso ao mundo cultural, acredita que tem de chegar a todos. Acredita que a aprendizagem entre pares, o aprender com os outros é um dos caminhos. A diversificação ao nível da aprendizagem, da avaliação, da metodologia é uma via privilegiada para o esbater de eventuais diferenças de oportunidade. A defesa da equidade tem de começar na escola. Sublinha que “aprender com os outros é para mim o caminho da equidade, condição para que todos os alunos desenvolvam as competências inscritas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*” (E2).

O programa de 11.º ano é sobretudo teórico e aqui fico refém do modelo de ensino expositivo, mas, sempre que posso, uso os modelos cooperativos de ensino e o método baseado na resolução de problemas, que, na maioria das vezes, são transversais a várias disciplinas. Cada disciplina tende a ver os problemas da sua janela para o mundo, de uma só perspetiva e por isso só os vê parcialmente, não os compreende em toda a sua plenitude. Só a colaboração permite compreender a realidade em toda a sua riqueza (...) No 12.º ano faço um trabalho essencialmente centrado na resolução de problemas. Eu sou apenas um veículo de aprendizagem. Andamos num processo elíptico de ensino-aprendizagem. No último ano, são eles a tomar as rédeas do trabalho, desde os alicerces até ao topo do edifício, em diálogo uns com os outros, o que é mais enriquecedor. Eu só oriento, encaminho, questiono, coordeno. (E2)

Neste mundo, em renovações anuais ou bienais (por norma, acompanha os seus alunos do 11.º no 12.º ano), Hélder cuida meticulosamente das aprendizagens. A relação pedagógica, *sui generis*, estabelece-se na sala de aula, que não se cinge às quatro paredes. Aqui, os alunos sentam-se onde querem, como querem, com quem querem. Naturalmente, dispõem-se de acordo com o trabalho em curso, mas o facto de serem permanentemente convidados a manifestar os seus pontos de vista e a participar da discussão dá-lhes responsabilidade e motivação – querem fazer. Rearranjam a sala. Organizam-se. Sentam-se. Saem quando querem ou precisam. “A sala dele é a escola inteira e muitas vezes é o concelho inteiro e fora de Lisboa”, diz o ex-diretor.

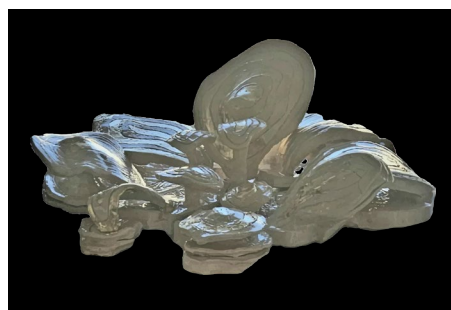
Aproximamo-nos do limiar da sala e entramos. Metade da turma, os alunos do Curso Tecnológico de Arte e Design Cerâmico, vai para os corredores montar a exposição de final de ano: “Do chão à Parede”. Não se esquece dos objetos, dos materiais de suporte, dos materiais de limpeza “Professor, vou buscar a vassoura”. A outra metade, os do Curso Tecnológico de Arte e Design Têxtil, fica a apresentar o guião técnico. Está mesmo na fase da avaliação. A exposição na Real Fábrica está a decorrer, no Museu de Lanifícios, na Covilhã. Intitula-se “Corpos Ancestrais tocam Futuros”. Está a ser um sucesso. O grupo de uma dúzia de pessoas havia-se dividido. Foi como se cada dois ou três elementos pertencesse a diferentes departamentos de uma empresa imaginária: a conceção, o *marketing*, a comunicação...

Cada um domina por completo a sua área. O responsável pela comunicação apresenta-nos o guião técnico, com todo o pormenor, seriedade e profissionalismo, apenas entrecortado por intervenções de quem concebeu efetivamente aquela parte “O meu colega é que esteve envolvido nessa parte, ele sabe responder-lhe melhor”. Os do curso de têxtil parece estarem de novo no ensaio geral para a sua *vernissage*. Na disciplina de Projeto e Tecnologias, em grupo, todos construíram uma peça para a exposição.

Peça de cerâmica de um aluno da exposição
“Do chão à Parede” -
Fotografia de Aldina Lobo

Capa do dossiê de Produção elaborado pelos alunos -
Fotografia de Hélder Castro

O “professor de corredor”, como carinhosamente o ex-diretor o apelida, foi acompanhar os de cerâmica: “Onde estão os cartazes?”, “Professor, já tem o QRCode?”, “Ainda não???”. A ansiedade está instalada. Os pormenores são cuidados. Também numa espécie de ensaio, dois ou três alunos respondem às provocações do professor, que os incita a revelar-nos a fundamentação da sua obra exposta. É uma explicação de *gente adulta*. Estes não são os produtos a serem avaliados nas PAA (Provas de Aptidão Artística), para as quais também se esmeraram muito, naturalmente. Esses não podem ser expostos já.



Os da turma anterior, no primeiro ano de Gestão das Artes, estão ainda a aprender os conceitos básicos. Terão, por vezes, aulas um pouco mais teóricas; ainda assim, sempre em interação. Na sala de aula, hoje pensa-se em avaliação. Instiga-os à apresentação do trabalho individual: A minha primeira curadoria. Hélder explicou: eles têm de resolver um problema. Cada aluno é curador numa exposição virtual de obras de um artista mais ou menos famoso. Escolhe o artista, escolhe o espaço, seleciona obras, constrói a folha de sala, fundamenta as suas opções. É a imaginação a funcionar com personalidades e galerias reais, em suporte digital e com base no conhecimento adquirido. Perante a turma, desfilam as obras do pintor japonês Takashi Murakami, da fotógrafa norte-americana Nan Goldin, do pintor chileno Guillermo Lorca, da artista japonesa Aya Takano ou do fotógrafo alemão Thomas Ruff. Dentro ou fora de Lisboa, percorrem um leque variado de espaços, tão diferentes como o Museu de Arte Contemporânea e o Passevite. O *feedback* acontece após cada apresentação, não de forma muito aprofundada. A vontade dos alunos marca o ritmo da aula.

Reaparece, uma vez mais, a assunção da responsabilidade e da autonomia como dois elementos indispensáveis à formação do indivíduo, construída pela relevância da relação professor-aluno. Tendo como enfoque o desenvolvimento do potencial humano e da autorrealização, o professor, numa base humanista, funciona como facilitador e incentivador de experiências significativas, de treinos que simulam

ou integram a vida real, que contextualizam as aprendizagens, esbatendo as fronteiras entre a escola e a sociedade. O aluno é convidado a explorar os seus interesses e motivações.

Numa das últimas entrevistas, Hélder reafirmou de forma explícita e contundente o seu esforço de adaptação do programa às características individuais dos alunos, e por isso, logo no início do ano, aplica testes de diagnóstico, perscrutando os interesses e talentos de cada um. Enfatizou a importância de diversificar os métodos de avaliação e de manter uma relação pedagógica que respeite as particularidades de cada aluno, sempre cumprindo os critérios de avaliação estabelecidos. Por isso, os alunos também são protagonistas na escolha das modalidades e técnicas de avaliação: “eu pergunto aos alunos como querem ser avaliados. Os alunos são muito conservadores... querem testes, por estarem sob a pressão dos exames nacionais” (E3). Mas em Gestão das Artes não são avaliados externamente. Têm uma avaliação constante, em formato de conversa, que lhes vai dando elementos para reflexão sobre o percurso que estão a fazer, os caminhos que podem seguir, os conceitos essenciais que a profissão não deixa esquecer. E têm projetos e objetos, que produzem. E têm testes, apesar de tudo. “Ele é muito rigoroso nos testes. Mas é uma coisa boa, porque os testes dele, pelo menos os que nós fizemos, não tínhamos de decorar a matéria, tínhamos que a entender. Sim, não dá para memorizar” (EA2). Da explicação que dá, conclui:

mas depois, a pergunta que estava no teste era sobre a nossa opinião, sobre se a arte tinha mesmo de estar dentro do triângulo ou não. Eu acho que nós tivemos todos opiniões diferentes... Pronto, e depois tivemos de escrever sobre a nossa opinião, fundamentando-a. Isso exigia conhecer a matéria; era fundamental. E nós estivemos uma aula inteira a discutir este assunto. (EA2)

Eu acho que a avaliação é sempre justa. (EA1)

“A avaliação é justa” porque, sentindo-se motivados, sentem-se também recompensados com uma avaliação interna que não deixa ninguém para trás: nos testes, nos trabalhos, nas Provas de Aptidão Artística, para as quais trabalham afinadamente. Claro que pode haver um ou outro abandono, devido a fatores externos como a transferência de escola. Concluído o 12.º ano, em 2022/2023 por exemplo, 80% dos alunos continuaram os estudos no ensino superior, tendo alguns (30%) ido (também) trabalhar na área artística, como se lê no Observatório do Percurso das(os) Alunas(os), ano letivo de 2022-2023, da escola.

Aquela nota conservadora por parte dos alunos, que querem testes, contrasta, por um lado, com uma escola em que a criatividade e a inovação pretendem ser imagens de marca e, por outro lado, com o sintoma de enraizamento dos alunos nas vicissitudes do mundo real, tão caro a Hélder.

O que significa, então, inovar? Para Hélder, inovar é ir ao encontro do mundo real.

O que é para mim inovar? O facto de estar numa escola diferente, de artes, por si mesmo, incentiva a inovação, a criatividade. Vou dar um exemplo de como se pode inovar. Sair o máximo possível da escola, indo ao encontro da vida real, do contacto com os outros, de modo que os alunos não vivam a escola como uma bolha de gerações. Quando saio da escola isso esbate-se. Contacto com outras pessoas, com outros profissionais. O modelo da escola é rígido, o modelo como está montado dificulta a elasticidade que tem de ser criada entre a escola e o mundo. (...) Ser inovador é estar aberto ao talento alheio, desafiar-se e desafiar, ouvir e estar disposto a mudar, se preciso for. É mostrar que o que se aprende aqui não está desligado do mundo real. Para mim, o saber é físico, vivido na pele. (E2)

Descreveu o seu trabalho, as suas conceções. Hélder considera-se, pois, um professor inovador. Também aqui se reflete a dualidade de que é feito este professor. Talvez pela simplicidade da sua ação – “parece normal”. A comparação

com outras disciplinas e com os outros professores pode ajudar a clarificar o raciocínio das docentes e das alunas: “dá uma disciplina em que a inovação está inerente ao projeto. As disciplinas artísticas são por natureza inovadoras” (EP2); também não se pode dizer que ele use suportes diferentes, “não é como outros que para tentarem ser inovadores, usam e abusam das tecnologias. (...) E vai dar ao mesmo, estar a ver um PowerPoint uma aula inteira ou só a ler, não muda nada” (EA3). A reflexão conduz à conclusão:

há uma base clássica, que é o chão, mas ele não fica atido à tradição, *ao by the book*. Pelos temas, pelo modo como lhes pede coisas, na forma diferente de fazer com que os miúdos trabalhem. Eles não o acham nem chato nem monótono. (EP2)

"Ser inovador é estar aberto ao talento alheio, desafiar-se e desafiar, ouvir e estar disposto a mudar, se preciso for. É mostrar que o que se aprende aqui não está desligado do mundo real. Para mim, o saber é físico, vivido na pele" (E2)

Mas o professor realmente, se calhar, dá as aulas de uma forma mais normal, mais vulgar, porque ele só fala conosco... É inovador no sentido em que consegue ter a atenção de toda a gente e realmente eu acho que o professor nunca tem que nos mandar

calar, porque está toda a gente genuinamente atenta ao que o professor está a dizer. E nós lembramo-nos da matéria dos períodos todos. Não é tipo... estudas para um teste e sai e depois apaga, porque foi só decorar, memorizar e depois esquece-se. (EA3)

É na descolagem da forma de agir, do relacionamento humano, na saída do modelo rígido em que a escola tradicionalmente se espartilha que reside a natureza transformadora da educação em Helder. Ao dar corpo à Gestão das Artes, encontrou a sua forma de operacionalização inovadora: a perspetiva contextualizada na articulação da disciplina com os documentos de referência; a orientação prospetiva, que implicou questionar, pensar a disciplina *ab initio*, derrubando o isolamento a que a escola está votada; e a estratégia avaliativa que o incita a ponderar, amiúde, sobre os seus efeitos, limitações e mais-valias, sobre o *win-win* de cada um dos intervenientes.

Finissage

No início de cada ano, Helder almeja que, no final do percurso escolar, cada aluno seja o mais autónomo e feliz possível, apto a construir a sua própria vida. A Gestão das Artes não é simples preparação para o trabalho, é um laboratório da vida. O trabalho não é um mero instrumento de sobrevivência, é uma fonte de felicidade, que envolve esforço e paixão. O trabalho é o cinzel da construção dos sonhos, que se operam com os outros.

Em termos de formação do indivíduo, elege como elemento fulcral o contacto com as pessoas do terreno, a descodificação das coleções, do que se constrói por detrás das cortinas, da linguagem dos bastidores. Esta compreensão paulatina cria no aluno um tipo de deslumbramento, que engrandece exponencialmente quando se lhe junta a apresentação pública de um objeto artístico que ele próprio desenvolveu. “É a conjugação perfeita!” Claro que, num contexto institucional, as qualidades artísticas são da maior relevância e exigência. O aluno acredita no ensino, motiva-se, esmera-se, a ponto de, no exercício das suas funções, a professora bibliotecária se aperceber dessa felicidade. Crê Helder que se o professor se colocar no centro, o aluno assiste comodamente ao desenrolar dos dias, pois sabe com o que pode contar: “não faz objetos, não faz curiosidade, não faz acontecer, não cresce!” (E2)

Chegamos ao perfil de um docente que tem na génese do que hoje é a ação de dois dos seus professores: um, porque lhe perdoou as faltas, instigando-o a não desistir, outro porque partilhou generosamente a sua experiência, o seu esforço em prol de um sonho que nasce de dentro. “Nós, às vezes, não sabemos os porquês de certas coisas que não fazem sentido agora, mas podem fazer sentido mais à frente” (E1).

Hélder confiou nos seus professores. Adotou a atitude *docilitas*, com que Heidegger retratou a pessoa do professor: uma figura ética que, pelo seu saber, pelas suas competências pedagógicas, gera confiança. O professor fez o caminho e o discípulo segue-o, ainda que não tenha a visão do todo. Mesmo assim abandona o conhecido, para se lançar num troço ainda não desbravado. Aprender começa por ser, quase, um ato de fé no saber e na experiência de outrem. Hélder quis ser professor porque teve professores inspiradores, modelos de saber, de resiliência e de tolerância.

Agora, chama a si esse papel: tornou-se ele a referência dos jovens. Tem plena consciência disso. A base humanista que privilegia a individualidade, a criatividade e a autoexpressão dos alunos, que reconhece as emoções e as experiências como centrais no processo educativo, encontra-se bem plasmada na sua prática de educador, facilitador atento às necessidades individuais de cada aluno. Hélder incentiva a participação ativa de todos, com a intencionalidade de promover a construção do conhecimento de forma colaborativa, em relacionamentos saudáveis e robustos, prontos a enfrentar desafios de forma resiliente. Cria ambientes acolhedores onde os alunos se sentem à vontade para expressar as suas ideias e emoções. A avaliação sedimenta-se em especial na compreensão e na expressão de sentimentos, de vontades, de opiniões fundamentadas e aprofundadamente questionadas, na preocupação com o crescimento do outro. E consegue, neste caldo, favorecer a motivação e o empenhamento, fazendo perdurar as aprendizagens enraizadas em práticas significativas, em projetos reais. O seu nível de profissionalismo e de exigência aprimoram o cuidado que os alunos depositam na mostra dos produtos que concebem.

O profundo domínio do conhecimento que dá corpo às aprendizagens atiram Hélder para uma humildade, uma simplicidade nas relações humanas. É o professor/pintor/curador que fala com os outros, todos adultos, colocando-se ao nível dos seus interesses, ambições, emoções, curiosidades. É o professor/pintor/curador que recorre à resolução de problemas, num desafio ao pensamento de nível superior, para provocar a reflexão, o autoquestionamento, as atividades cognitivas, a retenção da informação, os hábitos de pesquisa, a interação social, as vivências, o conhecimento do mundo real, da vida.

Afinal, quem é o professor Hélder? É um sonhador realista, um fazedor de sonhos vividos na pele.

[É] uma inspiração. Ensinou-me a gostar de mim, sem deixar de ser exigente comigo mesma. Ensinou-me a ver as coisas como são, sem me contentar com o que são. O professor Hélder deu-me coragem para mudar o mundo. (EA4)

O professor Hélder faz-me sentir muito importante. Nenhum professor me tinha feito sentir assim. Eu conto. O meu trabalho conta e merece ser visto se eu me empenhar, se eu acreditar em mim e nele. (EA5)

O professor Hélder ensinou-me a não ter medo de errar. Dantes eu tinha vergonha das minhas dúvidas. Isto pode parecer parvo, mas agora até tenho orgulho nelas. Sem elas, acho eu, não seria quem sou e penso que saberia menos do que sei. (EA6)

E foi nesta espécie de revisitação final, à laia de despedida, que ficaram as últimas pinceladas que o recato do ateliê se encarregará de fazer crescer até à próxima exposição. Esta Folha de Sala cumpriu a sua missão. Em breve será dobrada, relida, apreciada, metida numa qualquer gaveta... Eventualmente, também, será um espelho depurador de metamorfoses ou um roteiro possível para quem queira aprofundar os fundamentos do ensino como profissão e como arte, para transformar e melhorar o que e como se pode aprender com mais profundidade e com mais gosto.

Síntese A educação é frequentemente moldada por representações e ações de profissionais cujas histórias nos inspiram. Os protagonistas são dois professores comprometidos com a profissão, que assumem como arte. Sendo muito diferentes, os dois valorizam o conhecimento em geral, o conhecimento específico das suas disciplinas e o conhecimento pedagógico. Ambos vinculam os seus alunos aos processos de aprendizagem e colocam-nos no centro da atividade pedagógica, estabelecem diálogos promissores entre a escola e as comunidades de proximidade, acreditam no poder e alcance transformador das suas ações na formação académica, social e cívica dos alunos.

Na redação de cada uma das narrativas quisemos aprofundar representações sobre: Quem são estes professores? Que visões têm sobre o ensino, a aprendizagem, o currículo e a avaliação? Como organizam o trabalho com os seus alunos de modo a promover aprendizagens de qualidade? Como aprendem, que competências desenvolvem e que resultados alcançam os alunos? Como se relacionam com os seus pares e com a comunidade? Que projetos pessoais e profissionais acolhem, o que projetam para a escola e que futuros antecipam? Na procura de respostas emergiram um conjunto de características pessoais e profissionais comuns tais como as que se destacam a seguir.

- Vivem a profissão com entrega, dedicação, compromisso e respeito por si, pelos alunos, pelos pares e pelas comunidades onde interagem.
- Reconhecem o valor inestimável da sua ação educativa diferenciada como modo de prover as melhores condições de igualdade, equidade e inclusão no acesso das crianças e dos jovens a um ensino de qualidade.
- Compreendem o ensino como espaço de instigação à curiosidade, à interpeção, à promoção do pensamento crítico e autónomo.
- Convocam os alunos para o centro da aula e ensaiam cenários criativos de aprendizagem a partir da resolução de problemas, da exploração de temas e da pesquisa orientada.
- Estabelecem, na sua prática letiva, uma forte conexão entre o quadro teórico e concetual, as aprendizagens a realizar, as mundividências dos alunos, o seu capital social, cultural e académico,
- Assumem-se como facilitadores e interlocutores de processos de aprendizagem; promotores do protagonismo e da coautoria com os seus alunos, possibilitando-lhes aprendizagens enriquecidas e significativas em diferentes espaços, tempos e lugares.
- Gerem o currículo de modo flexível e diferenciam processos pedagógicos e didáticos para responderem a compassos diferenciados. Incentivam a aprendizagem colaborativa e exploram metodologias ativas.

- Promovem o uso e a consolidação de diferentes competências: análise e interpretação de enunciados, comunicação de processos e de resultados, decorrentes da realização de trabalhos de projeto e de investigação.
- Exercem uma liderança pedagógica, imprimindo intencionalidade explícita ao que pensam, dizem e fazem acontecer. Transmitem aos alunos segurança e confiança, alicerçadas no respeito e na empatia.
- Concebem a sala de aula e a própria escola como lugares de limites fluídos e elásticos não dissociados do meio local, regional e nacional.
- Valorizam a interdisciplinaridade e exploram intencionalmente a tecnologia, integrando os conhecimentos da matemática, das ciências, das artes plásticas e literárias nos temas e problemas emergentes do quotidiano, para ampliar e prestar ainda mais relevância ao que pretendem ensinar.
- Reconhecem a investigação e a reflexão sobre a prática como estratégias de regulação da qualidade dos seus modos de agir, permitindo-lhes valorizar sucessos, aprender com os desafios, sinalizar áreas de melhoria e, por via deste exercício, construir uma prática robusta, fundamentada e aberta à inovação e à mudança.
- Elevam expectativas e apoiam os seus alunos, sustentadamente, ao longo do processo, facilitando-lhes a obtenção de bons resultados académicos e sociais. Não desistem de nenhum aluno.
- Trocam experiências com os pares e a comunidade e reconhecem que a colaboração sustenta o desenvolvimento profissional e a melhoria da organização escolar.
- Incorporam a inovação nas suas práticas através de uma relação dialógica com o mundo real, que se traduz na atenção, no cuidado e na abertura permanente da escola à sociedade, permitindo, assim, a complementaridade de lugares para o desenvolvimento de conhecimento e de aprendizagens significativas.
- Identificam desafios associados ao exercício da profissão docente, nomeadamente, a intensificação e a complexificação do trabalho, a gestão curricular diferenciada, a multiculturalidade e o multilinguismo, a resposta adequada aos perfis e necessidades específicas de cada aluno.

Dois professores que se reorientam nos modos de pensar e de fazer acontecer e que mobilizam todos os saberes à sua disposição com o propósito de inverter tendências, experimentar e inovar. Dois profissionais da educação que não temem ensaiar boas questões, que os ajudem a encontrar caminhos alternativos em prol do cumprimento da sua nobre missão: ensinar.